

## 11º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

### A COMICIDADE NO SERIADO CHAVES:

### ANÁLISE DE PASSAGENS DO EPISÓDIO “FESTIVAL DA BOA VIZINHANÇA II” DE ACORDO COM “O RISO”, HENRI BERGSON

Kamila Marcele Favero<sup>2</sup>  
Alexandre Vinícius Xavier Penha<sup>3</sup>  
Marcelo Adriano Colavitto (orientador)

Este artigo busca expor um estudo de interpretação da comicidade no seriado mexicano Chaves, através da análise específica do episódio “Festival da boa vizinhança II” de Roberto Bolaños. Utilizando como princípio para tal, os aspectos de produção do riso abordados por Henri Bergson em sua obra “O Riso”. Como objetivo específico de compreender como Bolaños utiliza tais recurso em seu trabalho, sendo este consciente ou intuitivo.

**Palavras Chave:** Comicidade, O Riso, El Chavo del ocho (Chaves).

**Área temática:** Cultura

**Orientador (a) do projeto:** Marcelo Adriano Colavitto, <macolavitto@gmail.com>, Departamento de Música (DMU) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

### Introdução

É indiscutível a presença do ato do riso numa sociedade e ao longo de toda sua história. Ri-se do formato do rosto de um sujeito, do modo como o outro fala, de formas de andar, trocadilhos e inúmeras demais causas. Contudo, é muito comum que não se saiba ao certo explicar o porquê desta reação, isto é, o motivo da graça. Em seu ensaio sobre a significação do cômico “O Riso”, Bergson, aponta diversos elementos estruturais que o justificam. Seu estudo será nosso apoio ao longo da explanação da comicidade no trabalho televisivo de Roberto Bolaños, “Chaves”, com foco no episódio “Festival da boa vizinhança II”.

Chaves no Brasil, *El Chavo del Ocho* em seu país de origem, México. Seriado exibido desde a década de setenta até os dias de hoje, pelo Sistema Brasileira de Televisão (SBT). Uma comédia que tem possui admiradores de todas as idades. Tal informação não se detém ao espaço geográfico brasileiro, Florinda Meza, atriz mexicana – Dona Florinda no seriado “Chaves”- relata na obra “Diário do Chaves”, de Roberto Bolãnos (2006), diversas passagens e o grande sucesso dos atores em outros países como Argentina, Panamá, Porto Rico, Estados Unidos, Honduras,

1 *Festival de la buena Vecindad II*. Temporada 1, episódio 80.

2 Acadêmica do terceiro ano do curso de Artes Cênicas. Departamento de Música, Universidade Estadual de Maringá (UEM).

3 Acadêmico do terceiro ano do curso de Artes Cênicas. Departamento de Música, Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Costa Rica, El Salvador, Peru, Venezuela e Chile.

Obra prima de Roberto Bolaños, conhecido também como “pequeno Shakespeare”, Chespirito, “Chaves” é um fenômeno cômico que merece ser estudado. Além do que, poderá se compreender um pouco mais das razões do riso através deste.

## **Materiais e Métodos**

Observações das práticas realizadas no projeto “Grupo de pesquisa e experimentação cotidiana utilizando como paradigma a figura do Clown”, análises de mídias disponíveis online, do capítulo do seriado em si, juntamente com o guia cômico de Bergson, “O Riso”.

## **Discussão de Resultados**

### **Eementos cômicos e suas possíveis causas em “Festival da boa vizinhança II”**

Está montado um palanque, junto a frente a casa do seu Madruga (Ramón Valdés), esta será uma espécie de camarim para as crianças da vila, que farão a apresentação de uma peça teatral, baseada no seriado “O Chapolim Colorado<sup>4</sup>”, no festival da Boa Vizinhança.

Os moradores da vila e o dono da mesma, senhor Barriga, aguardam o início da apresentação na platéia.

Numeramos algumas das passagens cômicas do episódio, que possui vinte e dois minutos e quinze segundo de duração:

Voltemos nossa atenção ao discurso de abertura do festival do senhor Madruga: “ – (...) todos os anos anualmente”, a comicidade apresenta-se na linguagem, no pleonasma vicioso. O fato da fala fluir naturalmente, inconscientemente, podendo dizer até distraidamente ou ingenuamente, duas palavras com o mesmo significado é um causa cômica, segundo Bergson.

Irritado por ter sido chamado de professor Linguíça, professor Girafales (Rúben Aguirre) diz: “ – Sou linguíça e meu nome é professor!” Aqui, encontramos o segundo item de comicidade de nossa lista, Bergson, chama este efeito de transformação cômica das proposições. A inversão, é um elemento que está contido nesta transformação, e é a qual mais se encaixa nesta passagem: é a troca da ordem correta das orações, neste caso, a troca do sujeito pelo complemento.

O professor segue com seu discurso, ele afirma a plateia que as crianças são o futuro da pátria. Intrigado, senhor Madruga, afirma que se aquelas crianças da vila são o futuro da pátria, então, tudo voltaria para a Idade Média. O professor referia-se as crianças em geral, enquanto seu Madruga entende como se estritamente o futuro da nação fosse as crianças da vila. “Obtém-se um efeito cômico quando se toma uma expressão no sentido próprio, enquanto era empregada no sentido figurado. Ou ainda: Desde que nossa atenção se concentre na materialização de uma metáfora, a idéia expressa torna-se cômica” (BERGSON, 1983, p.56).

---

4 *El Chapulín Colorado*. Há aqui, uma metatextualidade, pois, a obra em questão e a obra que será encenada são do mesmo autor: Roberto Bolaños.

O professor alerta ainda, que tal montagem havia sido feita e dirigida por seu Madruga, então que não esperassem um grande feito. Pois segundo o mesmo, este seria um pobre diabo, um João ninguém. Há uma inclinação do professor, em sua fala, que sugere a ideia de que este irá elogiar o outro ao ensaiar as crianças. No entanto, o que faz é criticá-lo. A graça então, está no rompimento do esperado, na forma natural como este menospreza o outro personagem, como um louvor.

Os defeitos apontados pelo professor também são fonte de comicidade. Bergson, afirma que “os defeitos leves dos nossos semelhantes são os que nos causam riso” (Idem, p. 66).

Há ainda, comicidade na contradição da reação do personagem atacado: espera-se que ele reaja em sua defesa, contudo só pede ao professor que pare, pois “não gostar de ser elogiado em público”.

O quinto aspecto cômico que analisaremos, é um descuido do personagem Madruga, que bate com a cabeça na porta, ao tentar entrar na casa-camarim. Devido ao fato da ação acontecer sem a vontade do sujeito, pode gerar o cômico, no qual um fator externo determinou a graça. Além do mais “não é, pois, a mudança brusca de atitude o que causa riso, mas o que há de involuntário na mudança, é o desajeitamento” (Idem, p. 09).

Rimos da pancada que o senhor Madruga ganha na barriga, quando Chaves (Roberto Bolaños) e Kiko (Carlos Villágran) fazem da marreta biônica<sup>5</sup> um cabo de guerra e soltam exatamente no instante em que esse se aproxima. Como acabou-se de citar, a ação que se dá sem a vontade do personagem pode gerar o cômico, aquilo que não foi controlado. Podemos ainda, incluir nesta passagem o que o mesmo nomeia de transfiguração momentânea: o fato do personagem Madruga, por um instante nos dá a impressão de ser um objeto, no caso, um saco de pancada. “*Rimo-nos sempre que uma pessoa nos dê a impressão de ser uma coisa*” (Idem p. 30).

Segue o episódio, e há o mesmo efeito cômico, constituído das mesmas propriedades citadas neste último: a pessoa como objeto, acrescentando a questão da repetição, tema abordado por Bergson como instrumento gerador do riso, isto é, a coincidência de acontecer novamente tal situação desajeitosa, inesperada.

Em certo ponto de seu estudo, Bergson coloca que a transformação de algo que é vil, medíocre, em algo grandioso provoca o riso nas pessoas. Temos no diálogo de dona Florinda (Florinda Meza) com seu filho Kiko um exemplo claro disso: “ – Boa sorte, tesouro! Quem sabe não é seu primeiro passo para a fama no cinema!” Explico: Kiko fará uma simples peça na vila, tornando a fala exagerada da mãe algo ridículo, isto é risível.

Nono aspecto que listamos: Senhor Madruga ri de Nhonho (Edgar Vivar) que tenta vestir uma calça jeans, aparentemente muito menor que seu corpo. Porém, quando descobre que as calças são suas para de rir e a partir disso, nós que rimos.

O primeiro gerador cômico nesta passagem, explica-se devido o que os defeitos alheios nos causam certa graça, no caso a obesidade. Quando se crê mero espectador, seu Madruga ri da situação e do obeso, do contraste estético entre físico *versus* tamanho roupa. O cômico ganha força, ao público espectador, quando esse descobre que a calça que o outro tentar usar é sua. Para o personagem Madruga que gargalha é o fim da mesma. Bergson, aponta que o maior inimigo do riso é a emoção, isto é o envolvimento emocional com determinada situação, e isso comprova-se nesta passagem. Enquanto que, o espectador, que está afastado da

---

5 A marreta biônica é um elemento indispensável do herói as avessas, Chapolim.

ação, desfruta da cena e ri.

A personagem Pópis (Florinda Meza) entra em cena e fala com o público da vila, é o início da peça. Sua fala, é uma reprodução da chamada de entrada dos episódios do seriado Chapolim Colorado. Inicia a declamar e fica claro o esquecimento da continuação. Senhor Madruga, então, aparece na cortina e diz a ela: “ – Sardinha!”, fazendo com que Pópis responda: “ – No congelador!”. O cômico inicial é simples, a própria figura de Pópis já é cômica, por sua fala fanha. Novamente pontuamos o que Bergson coloca: que nossos defeitos e aspectos ridículos podem se tornar cômico aos demais.

Em sua obra “O Corpo Poético”, Jacques Lecoq descreve que os defeitos, que geralmente se tenta esconder frente a sociedade, na figura do clown, isto é, do palhaço segundo sua linguagem, podem ser largamente exibidas, pois tornam-se instrumento fundamental para obtenção do riso.

Na mesma ação, há um segundo aspecto que pode-se apontar. A relação com a comicidade e inconsciente. Vê-se que Pópis responde ao outro automaticamente, sem perceber que estava recebendo ajuda. Rimos de seu ato falho. Pópis, finaliza sua fala: “ [...] o Chapolim Colorado!”, e é surpreendida por Chaves que surge da cortina. No seriado Chapolim, quando há essa fala o herói surge respondendo: “Eu!”, contudo, Chaves é puxado, nada sutilmente, para o outro lado da cortina, por Madruga, pois ainda não era a hora de aparecer em cena, Pópis apenas anunciava o nome da peça.

Um dos artifícios tratado por Bergson é o boneco de mola, brinquedo infantil no qual se abre uma caixa e um boneco pula para fora, mas que ao mesmo tempo há uma força contrária, uma mola que o segura. Ou seja, o autor utiliza a imagem do brinquedo para explicar ações, ou ainda um impulso que é impedido por uma força contrária e que gera riso. É uma oscilação mecânica, a qual identificamos nesta ação quando Madruga puxa de volta o menino Chaves.

Observe este diálogo entre os personagens Kiko e o senhor Madruga (nos bastidores):

“- E você, o que você tá fazendo aqui? Questiona seu Madruga.

- Ah, não sabe? Vou trabalhar numa peça de teatro. Responde Kiko.

- Não me diga!

- Ah sim, é verdade! Se chama 'O Chapolim Colorado!'”

O efeito cômico apresenta-se no que Bergson nomeia de Interferência de dois Sistemas. Isto acontece quando uma mesma frase tem mais de um significado. Quando o primeiro personagem questiona o que Kiko faz ali, a intenção é saber a causa do sujeito estar onde não deveria. Kiko, entretanto responde a pergunta como se esta apontasse para outro significado, o da curiosidade de saber o que ele literalmente está fazendo naquele espaço físico.

Outro item listado que se enquadra no aspecto da comicidade pela repetição de determinada situação, com o mesmo ou diferentes personagens: Kiko bate a cabeça na porta, como aconteceu anteriormente com Madruga.

Finalizadas as passagens específicas, direcionamos a um instrumento que instiga o cômico e que foi detectado junto com todos os outros listados durante esse estudo. Inclusive, buscamos averiguar sua presença em outros episódios (O ator Hector Bonilla<sup>6</sup> e Festival da Boa Vizinhaça I<sup>7</sup>) e o encontramos, mais uma vez. Vê-se que o impulsiona ainda mais o riso é o áudio de risadas ao fundo, que se porta como um

6 *El actor Hector Bonilla*. Temporada 1, episódio 75.

7 *Festival de la Buena Vecindad*. Temporada 1, episódio 78.



complemento a cena. A multiplicação das risadas, através de uma gravação é elemento cômico pois “Já se observou inúmeras vezes”, nos recorda Bergson, “que o riso do espectador, no teatro, é tanto maior quanto mais cheia esteja a sala” (1983, p. 08).

## **Conclusões**

Por fim, exemplificamos inúmeros tópicos expostos por Bergson em seu estudo, evidenciando a eficácia dos mesmos de acordo com o trabalho de Bolaños.

Os encontramos na primeira parte do episódio, porém, a diante existem diversos itens cômicos que também podem ser classificados dentro do estudo de Bergson, isto é, esclarecendo que as passagens cômicas não se limitam as descritas ao longo deste trabalho.

Cabe pontuar ainda, que não afirmamos que Bolaños os utilizou com consciência, de forma sistemática, e também, que não os conhecia esses elementos, assim como no trabalho dentro do projeto de vivência do clown, do palhaço de teatro, alguns elementos surgem dentro das cenas e das entradas inconscientemente, sem um pensamento prévio.

## **Referências**

BERGSON, Henri. **O Riso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BOLAÑOS, Roberto Gómez. **Diário do Chaves**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

EL CHAVO del ocho (Chaves). Festival de la buena vecindad – Temporada 1, episódio 80. Direção Enrique Segoviano. Disponível em: <<<http://movies.netflix.com/WiPlayer?movieid=70205634&trkid=2361637&t=Chaves#MovieId=70205634&EpisodeMovieId=70239509>>> Acesso em: jun. 2013

LECOQ, Jacques. **O Corpo poético: Uma pedagogia de criação teatral**.